

A Educação Física no Colégio Militar

(Cap. Albino M. Costa - Ex-Instrutor-Chefe da Secção de Educação Física do Colégio Militar).

A concepção atual da Educação Física não apresenta aquêl caracter rígido que encontrávamos nos diferentes métodos. Hoje é permitida, dentro de certos limites, mais elasticidade na aplicação dos exercícios de Educação Física.

É assim, que vemos diversos estabelecimentos de ensino se afastarem um pouco da rigidez dos programas, criando novas modalidades de trabalho e até novos exercícios.

Quer isto dizer que estamos sentindo a necessidade que se impõe de adaptar o Método Oficial á nossa índole, nosso desenvolvimento físico, nossos ideais e aos diferentes objetivos de nossa gente.

Quanto a esta última parte, vemos que os objetivos dos indivíduos que se destinam á vida civil variam em função da natureza das atividades diárias. O comerciário não se pode submeter á mesma Educação Física que o estudante e o civil não praticará as mesmas modalidades de trabalho que o militar. Ora, em sua grande maioria, os alunos do Colégio Militar se destinam á carreira das armas.

A fim de que êsses alunos, ao findarem o curso, não se ressentam com a mudança do regime físico, estamos empregando para os componentes do ciclo superior (mais de 18 anos) as mesmas modalidades de trabalho usadas na Escola Militar, si bem que a intensidade dos exercícios tenha sido reduzida e iniciada a parte atlética-desportiva. Vemos assim a instrução de Educação Física do ciclo superior (menos de 10% do efetivo total do C.M.), perfeitamente enquadrada dentro de objetivos definidos e calcada no Manual de Educação Física Militar (C-21-20) adotado atualmente no Exército onde o Colégio Militar está integrado.

Mas, na instrução dos demais alunos (90% do efetivo) poder-se-iam empregar as mesmas modalidades de trabalho do ciclo superior? Desprezar-se-ia o nível de desenvolvimento mental dos indivíduos?

Seria contraproducente e anti-pedagógico responder pela afirmativa ás perguntas acima. Mesmo porque os interesses dos indivíduos estão sujeitos aos estádios de desenvolvimento mental.

Na "Psicologia da Criança e Pedagogia Experimental" de Claparede, encontramos os seguintes estádios de desenvolvimento mental dos indivíduos:

I - Estádio de aquisição, de experimentação:

- 1 -- Período dos interesses perceptivos (durante o primeiro ano de existência).
- 2 -- Período do interesse glóssico (durante o 2.º e 3.º ano).
- 3 -- Período dos interesses gerais, despertar da inteligência -- idade das perguntas -- (dos 3 aos 7 anos).
- 4 -- Período dos interesses especiais e objetivos (dos 7 aos 12 anos).

II - Estádio de organização, de apreciação:

- 5 -- Período sentimental; interesses éticos e sociais; interesses especializados; interesses que se referem ao sexo (de 12 aos 18 anos).

III - Estádio da produção:

- 6 -- Período do trabalho. Os diversos interesses se acham, êles próprios subordinados a um interesse superior -- seja um ideal, seja simplesmente o interesse de conservação pessoal, porém não desempenham seu papel senão pela metade, em relação a êste (idade adulta).

Desta classificação estudaremos apenas os n.ºs 4 e 5 que abrangem 90% do efetivo de alunos do Colégio Militar (os outros 10% correspondem ao n.º 6). Desdobrando, ainda teremos 33%, no "período dos interesses especiais

e objetivos"; 57% no "período sentimental"; interesses éticos e sociais; interesses especializados; interesses que se referem ao sexo; e finalmente 10% no "período de trabalho".

Diz, o Regulamento n.º 7, 1.ª parte: "Um método geral de educação física deve ser simples e acessível a todos. Seus processos devem ser *bastante variados e flexíveis para se amoldarem a tôdas as constituições*".

Achamos que esteja subentendido por "constituições", a constituição física e a constituição mental dos indivíduos.

O Método cogita da variedade e da flexibilidade dos processos de aplicação, pois *as modalidades de trabalho não são as mesmas para os diferentes estádios de desenvolvimento mental* e os processos de aplicação são tão flexíveis, quanto o necessário.

Um Método não pode desprezar a natureza psíquica dos diferentes grupamentos na aplicação dos processos de trabalho. Uma criança não poderá ter os mesmos objetivos de um adulto; não interpretará os exercícios da mesma maneira que êste último, mesmo porque o grau de atenção da criança é diferente.

Por mais que se diminua a intensidade dos exercícios da *lição de Educação Física*, esta não pode ser bem recebida pelas crianças, que não compreendem porque querem que elas se portem como se adultos fôsem. Será que êstes se esqueceram que também já passaram por êste estádio e que também detestavam estacionar a mexer primeiro com os braços depois com as pernas e depois... acho não haver necessidade de continuar com êsse rosário que é o causador do desinteresse das crianças pela Educação Física. Isto acontece porque ainda há quem confunda a Educação Física com a Cultura Física que são muito diferentes, pois esta cogita apenas da parte morfo-fisiológica.

"A reunião dos conhecimentos psicológicos aos anátomo-fisiológicos, virá permitir ao instrutor ministrar melhor a Educação Física. Tal fato foi confirmado por LAFARGE, mostrando que as relações do corpo e do espirito são tais, que a educação de um não pode deixar o outro indiferente. (Apontamentos das aulas de Psicologia do Dr. Rêgo Barros)".

Ora, se impuzermos á criança a *lição de Educação Física* quase que diariamente (uma ou duas sessões de grandes jogos por semana) de início, os exercícios serão recebidos com prazer por se tratar de novidade, mas depois de ter recebido uma meia dúzia de "lições" o temperamento próprio da idade começa a se rebelar, reagindo a cada exercício. Mesmo que êstes exercícios sejam modificados freqüentemente, não lhe passará despercebida a "ordem das famílias".

No Boletim de Educação Física n.º 8 de 1943, encontramos a afirmação "Cumpra que os programas sejam organizados não com aquilo que os alunos devem aprender, mas, com aquilo que êles podem realizar, o que é *bastante diferente*. Somos inteiramente contrários aos exercícios formais, artificiais, vulgarmente conhecidos sob a denominação de flexionamentos. Eles representam para as crianças verdadeiros trabalhos forçados, utilizando a expressão Claparede".

Entretanto não achamos absolutamente que a lição de Educação Física deva ser abolida.

"Somos favoráveis aos exercícios naturais, porque a criança, principalmente na idade compreendida entre 7 e 11 anos, tem uma concepção toda própria de liberdade, anseia por contato mais íntimo com a natureza, deseja conhecer-lhe as belezas mais espontaneamente, repugna-lhe a execução de qualquer ato que lhe seja comandado, revolta-se contra aquilo que lhe é proibido e não tolera realizar qualquer tarefa que não lhe seja agradável". (Cap. V do Bol. Ed. Fis. 8/943). Daí surgiu a necessidade da elaboração de um programa que satisfizesse ás condições que estabelecem as bases pedagógicas do Método (Vide anexo o "Programa de Instrução para 1948").

"A Ed. Fis. compreende o conjunto dos exercícios cuja prática racional e metódica é suscetível de fazer o homem atingir o mais alto grau de aperfeiçoamento físico *compatível* com a sua natureza. Os elementos dêsse aperfeiçoamento são numerosos: saúde, qualidades físicas e qualidades morais". (R. 7, 1.^a parte).

Esse programa para ser eficiente necessita ser dosado ainda em função da aceitação das modalidades de trabalho pelos praticantes da Ed. Física. Para a verificação desta aceitação contamos com um elemento valiosíssimo: o inquérito.

No Colégio Militar, durante o 2.^o período, em caráter experimental, foi empregado um programa especial de Ed. Física, levando-se em consideração os fatores anteriormente citados.

Ao findar o período de instrução e após esclarecer os alunos sobre cada um dos elementos das perguntas formuladas no inquérito, obtivemos o seguinte resultado, entre 1.427 alunos argüidos:

- Optaram pelas sessões de jogos desportivos (voleibol, basquetebol e futebol), 550 alunos, ou sejam 39%.

- Optaram pelas sessões especiais de saltar, correr, trepar, etc. 448 alunos, ou sejam 32%.

- Optaram pelas sessões de ginástica acrobática de chão, 162 alunos, ou sejam 12%.

- Optaram pelas sessões de grandes jogos, 155 alunos, ou sejam 11%.

- Optaram pelas sessões de ginástica (ou lições de educação física), 112 alunos, ou sejam 8%.

Analizando o resultado dêsse 1.^o inquérito, sentimos a tendência natural da criança em procurar os jogos desportivos. Aliás não haveria necessidade de inquérito para se chegar a essa conclusão, pois basta observarmos a vida da criança independente de orientação adulta, como é o caso das praias e recreios do Colégio onde vemos os jogos predominarem sobre as demais atividades físicas.

Dêstes jogos, o mais vulgarizado no País é o futebol; não o futebol clássico, com juiz e regras especiais, mas sim o que o menino, no seu vasto repertório de neologismos chama de "pelada" (futebol jogado descalço, em qualquer terreno, sem tempo pré-determinado e muitas vezes, sem juiz) ou então o "bate-bola" (uma "linha de passes" contra uma defesa improvisada).

Como todos sabem foi desta desorganizada prática de futebol que surgiram grandes "craques" do futebol, mas o que muitos ignoram é que o número de inutilizados por esse mesmo caminho é assustador. Essa inutilização não é apenas física, mas também moral, o que torna a situação muito mais grave. Quantas crianças abandonaram os estudos por falta de aproveitamento, devido à idéia fixa "pelada"?

Quantas crianças se furtaram à educação dos pais e dos mestres praticando a "pelada"?

Quantos pais se perguntaram: "onde é que nosso filho aprendeu tanta palavra imprópria?"

Quantas crianças adoeceram gravemente em consequência da "pelada"?

Esse interrogatório poderia ir longe, mas seria fugir ao assunto principal. Apenas quize demonstrar que não condeno o futebol clássico com regras rigorosas inclusive tempo de duração e um intervalo para repouso que se fazem cumprir por um juiz consciencioso, mas mostrar que muita gente o confunde com a perniciosa "pelada". Assim foi que, sem receio, colocamos o futebol entre os demais jogos.

Voltando ao assunto: sabemos que o jogo é a atividade física mais procurada pela criança. Então porque não difundir mais a sua prática?

Porque não incluir nos programas, mais frequentemente?

O próprio Regulamento de Educação Física n.^o 7, 1.^a parte, ao tratar das Bases Pedagógicas, dá um lugar de destaque ao jogo, quando diz: "O jogo é a regulamentação, mais ou menos metódica, dos movimentos instintivos que todo o ser vivo é levado a executar espontaneamente, quando impulsionado pela necessidade do exercício. Os jogos constituem a forma de ginástica mais apropriada às indicações da vida escolar; *adaptam-se tanto às aptidões físicas da criança, como às suas necessidades morais*. São ao mesmo tempo higiênicos e recreativos".

A definição é completa, pois aborda os pontos capitais da Educação Física. Escudados na afirmação acima, procuramos tirar maior proveito no tocante à "atração do Método", indo de encontro ao temperamento da criança, isto é, procurando aumentar o número de jogos, tendo mesmo criado uma sessão recreativa de pequenos jogos para os indivíduos do 4.^o grau elementar que cronologicamente ou fisiologicamente tenham menos de 12 anos. O resultado foi de entusiasmar, pois esta modalidade de trabalho foi recebida alegremente pelos instruídos e pelo monitor, no caso, o 2.^o Sargento Chagas, que é possuidor do dom especial, de lidar com crianças. Disse-me, o Sargento Chagas, que o rendimento da instrução havia aumentado consideravelmente, mesmo porque fôra afastada a sua maior dificuldade (colocar a criança em forma a fim de realizar exercícios em desacôrdo com o seu interesse).

Diz ainda o R. n.^o 7, "sob o ponto de vista físico, não exigem (os jogos) esforços muito intensos, nem contrações musculares muito localizadas. É necessário acrescentar que a sua prática sempre é acompanhada de prazer: *ora o prazer constitui, para a criança, o mais notável excitante da energia vital e o estímulo mais ativo para fazê-la perseverar no exercício físico*".

"O jogo organizado constitui o melhor método para inculcar princípios, normas e estabelecer padrões morais. A formação do caráter não decorre do jogo "em si", mas resulta, surge, "por meio" ou "através" do jogo. A conduta revelada no jogo transfere-se para outras atividades de sorte que, pode-se dizer sem receio de errar, o comportamento da criança no jogo organizado é idêntico ao seu comportamento social em toda e qualquer outra atividade" (Miranda, N. --- Técnica do Jogo Infantil Organizado).

E bem verdade que há necessidade de intercalar outras modalidades de trabalho; o método antigo apresentava apenas quatro, sendo que duas (sessões de desportos individuais e coletivos) são aplicáveis apenas para os ciclos secundário (2.^o grau) e superior. Para o ciclo elementar e para o 1.^o grau do ciclo secundário, isto é, crianças até 13 anos, restam as lições de educação física e as sessões de grandes jogos.

Esta última modalidade de trabalho, como já dissemos, condiz perfeitamente com o temperamento irrequieto da criança, mas a outra não.

Podemos afirmar que são insuficientes essas modalidades de trabalho, pois, nós ex-alunos, sabemos como é enfadonho viver submetido a esse regime sem variações "durante os 7 anos de vida colegial".

Entramos crianças (11 anos) para o Colégio e terminamos o curso adultos (18 a 20 anos) sem outra variação que a intensidade crescente dos exercícios determinada pelo Método.

Continua no próximo número